

■ Repetência desperdiça R\$ 100 milhões por ano

Mas todos esses ingredientes positivos não dão à capital da República o título de melhor educação escolar do País. Embora seja um bom exemplo, Brasília está longe de alcançar o ideal, na avaliação do secretário-executivo da organização não-governamental Missão Criança e ex-diretor de Avaliação da Educação Básica do MEC, Carlos Henrique Araújo. De acordo com ele, em qualquer capital ou município, há uma disparidade muito grande entre as escolas. E o Distrito Federal não foge à regra.

— Embora Brasília esteja acima da média, ainda é preciso melhorar muito — diz Carlos Henrique. — Na 4^a série, a média satisfatória seriam 200 pontos e 300 pontos na 8^a série. Mas estamos abaixo da média nacional quando chegamos na 8^a série. Ou seja, estamos bem até a 4^a série e avanços muito pouco a partir daí.

Carlos Henrique, também mestre em Sociologia, diz que em Brasília ocorre um enorme desperdício de recursos públicos com a repetência. Carlos Henrique avalia que só nas primeira e segunda séries do ensino fundamental essa perda de recursos totaliza R\$ 100 milhões por ano.

— Isso é sinal claro da nossa inefficiência — afirma. — Considerando que o DF faz o maior investimento do País em educação, deveríamos estar à frente.

Segundo ele, no Brasil há um entendimento equivocado de que a reprovação é um instrumento de punição do aluno.

— Isso é um equívoco do ponto de vista educacional — diz Carlos Henrique. Estamos condenando alunos a dizer que não aprenderam e não vão aprender, quando a escola foi feita para ensinar e não para reprovar.



Carlos Henrique: escola é para ensinar e não para reprovar

Para o educador, as famílias, principalmente as mais pobres, não têm uma cultura de escola e os filhos acabam não adquirindo o hábito da leitura, até mesmo pela dificuldade financeira que os impede de ter acesso aos livros. Outro fatores que conspiram contra a melhoria da educação seriam a escola não voltada ao aprendizado e as deficiências na formação do professor, que comprometem a didática e o conteúdo repassado aos alunos.

Carlos Henrique defende a adoção de duas estratégias centrais para aproximar a qualidade da educação do ideal. A primeira seria reduzir ao máximo a reprovação e, a segunda, inserir o livro na vida dos alunos de 5^a a 8^a série. Sugere que para as escolas das comunidades mais pobres sejam levados os professores mais qualificados. Propõe ainda que sejam recuperadas as escolas parques, onde as atividades lúdicas estimulam os alunos e a ampliação do tempo de permanência das crianças jovens nas instituições de ensino.